

RETÓRICA E HAGIOGRAFIA: A *VITA MARTINI*

Rhetorics and Hagiography: the *Vita Martini*

Prof. Dra. Glícia Silva Campos (UERJ)

Doutora em Literatura Comparada

Pós-doutoranda em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7807-4366>

E-mail: glíciacampos2@gmail.com

Recebido em: 21/06/2020

Aprovado em: 21/07/2020

Resumo: Este trabalho visa a identificar os elementos retóricos que estão presentes na *Vita Martini*, de Sulpício Severo, texto hagiográfico que data do século IV da nossa era. Tomamos como referência para a análise do tema proposto, sobretudo, a *Arte Retórica*, de Aristóteles, obra que influenciou profundamente os sistemas retóricos posteriores, principalmente no que se refere à Idade Média. Procuramos ressaltar, ainda, na obra em foco, as matrizes do gênero hagiográfico que se desenvolveria no decorrer do medievo, tendo em vista o fato de a *Vita Martini* ser considerada o primeiro texto do gênero em língua latina.

Palavras-chave: retórica – hagiografia – São Martinho

Resumé: Le travail ici présenté a le but d'identifier les éléments qui sont présents à la *Vita Martini*, de Sulpice Sévère, texte hagiographique du IV^e. siècle d. C. Nous prenons comme référence pour l'analyse du sujet proposé, surtout, l'*Art Rhétorique* de Aristote, oeuvre qui a influencé en profondeur les systèmes rhétoriques postérieurs, surtout à propôs du Moyen Âge. Nous essayons aussi réléver les origines du genre hagiographique qui a été developpé pendant le Moyen Âge, étant donné que la *Vita Martini* est estimée comme le premier texte de ce genre dans la langue latine.

Mots-clé: rhétorique – hagiographie – Saint Martin

Abstract: This work aims to identify the rhetorical elements that are present in *Vita Martini*, from Sulpicio Severo, hagiographic text dating from fourth century of our era. We take as reference, to analyze the proposed theme, above all, the rhetorical art of Aristoteles, a work that deeply influenced posterior rhetorical systems, mainly with regard to the middle age. We also tried to highlight in the work in focus, the matrices of hagiographic genre that would develop, during the medieval period, considering the fact that *Vita Martini* is considered the first text of the genre in latin language.

Key-words: rhetoric – hagiography -Saint Martin

1 – INTRODUÇÃO

A hagiografia é considerada o gênero literário mais popular e mais difundido na Idade Média (DOSSE, 2015, p. 138). As primeiras narrativas das vidas de santos vêm a lume no decorrer do século II d. C. (DOSSE, 2015, p. 140), e tomam como referência os evangelhos. Podemos, de forma genérica, estabelecer dois traços essenciais que perpassam tais escritos: a exaltação das virtudes do biografado e o caráter exemplar de suas ações.

Naturalmente, a santidade se revestiu de diferentes contornos ao longo da Idade Média, e os relatos hagiográficos espelham tais nuances. André Vauchez, em “O santo”, identifica os seguintes modelos de santidade medievais: os mártires do início da era cristã, os ascetas do século IV, os fundadores da Igreja a partir de finais do século V, os reis santos e os monges angélicos dos séculos X e XI, os seguidores da perfeição evangélica nos séculos XII e XIII e os místicos profetas e pregadores dos séculos XIV e XV (VAUCHEZ, 1989, p. 212-220).

Nesse panorama, interessa-nos, sobretudo, o período de prestígio do ascetismo do século IV, que tem na figura de Santo Antão (morto em 356) um dos mais expressivos representantes. Nessa mesma época, Sulpício Severo, aristocrata gaulês convertido ao Cristianismo e ao ascetismo, escreveu “a mais importante obra do período” (VAUCHEZ, 1989, p. 214), a *Vita Martini*, que retrata a vida de São Martinho de Tours tendo como inspiração a vida de Santo Antão. Tais escritos revelam o estabelecimento do ideal ascético oriental, originário de Egito e da Síria, no Ocidente, com a diferença do caráter eclesiástico da santidade ocidental que não se observa naquela região (VAUCHEZ, 1989, p. 214).

A cronologia da vida de São Martinho é imprecisa. Em linhas gerais, sabe-se que nasceu em Panônia, antiga província do Império Romano, entre 316 e 317. Foi soldado do Imperador na Gália no período entre 331/332 e 356. Neste último ano², torna-se discípulo de Hilário de Poitiers e, em 371, é eleito bispo de Tours. Funda monastérios em Ligugé e Marmoutier. Falece no ano de 397 em Candes. Martinho será considerado um dos fundadores do monaquismo na Europa ocidental.

No episódio mais conhecido da vida de Martinho, o santo, face à súplica de um indigente, durante rigoroso inverno, despe-se de seu manto e doa a metade ao pedinte, cobrindo-se apenas com a outra metade. Lembremos o fragmento em que Sulpício Severo descreve a cena memorável:

E a dada altura, quando já não tinha nada para além das armas e da simples veste militar, a meio de um inverno que se eriçava mais asperamente que o habitual, ao ponto de a força do frio fazer muitos sucumbir, havia junto à porta da cidade de Amiens um pobre nu. Embora este suplicasse aos que passavam para dele se apiedarem, todos passavam ao lado do desgraçado. O Varão, arrebatado em Deus, compreendeu, enquanto os outros não prestavam qualquer tipo de auxílio, que aquele estava guardado para si. Mas que fazer? Nada tinha para além da clâmide, com a qual se cobria: pois já havia gasto o que lhe restara numa obra semelhante. Então, arrancando a espada que tinha à cintura, rasga-a pelo meio e doa-a ao pobre, cobrindo-se novamente com a outra metade. Ao mesmo tempo, dos que estavam na vizinhança, alguns

riram, pois por causa da veste ele parecia um ser disforme amputado; contudo muitos, cujo espírito era mais puro, lamentaram profundamente, por não terem feito nada de semelhante, já que, possuindo mais, teriam podido igualmente vestir o pobre, sem a sua própria nudez (ANTUNES, 2014, p. 28).

Essa passagem da vida de Martinho, como tantas outras, tornou-se notória por meio do relato hagiográfico de Sulpício, narrativa matriz que exerceu considerável influência na literatura latina medieval, tendo em vista configurar como o primeiro texto hagiográfico em língua latina. Sabe-se que uma das funções dos textos sobre a vida dos santos é estabelecer locais de culto e, através destes, reunir a comunidade religiosa. Dessa forma, a *Vida de Martinho* cumpre uma das mais notáveis missões ao servir de fundamento para se estabelecer “a mais preciosa relíquia da igreja palatina” (GUENÉE, 2006, volume 1, p. 270): a capa de São Martinho. É possível inferir a dimensão alcançada pela obra de Sulpício Severo ao lembrarmos da etimologia do termo “capela”: oratório real onde se guardava a capa de São Martinho (GUENÉE, 2006, volume 1, p. 270). Em outras palavras, a *Vita Martini* está na gênese do vocábulo que representa o local que a igreja designa para a prática da espiritualidade.

Outro fator que corrobora o valor histórico e literário da obra de Sulpício Severo repousa no fato de ela ser considerada a primeira hagiografia em língua latina (ANTUNES, 2004, p. 102), uma vez que a *Vida de Antônio*, à qual nos referimos anteriormente, foi escrita em grego. Tal circunstância situa a *Vita Martini* como matriz do gênero hagiográfico ocidental, embrião de um vasto trabalho de reescritura através dos séculos.

Concluimos, portanto, que a obra da qual tratamos desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do gênero hagiográfico. Uma vez que a narrativa da vida dos santos tem por finalidade revelar a santidade do biografado, é necessário que o texto apresente elementos de caráter argumentativo, não somente para convencer o leitor da veracidade do relato, mas também para incitá-lo a seguir o exemplo de santidade proposto. A seguir, faremos uma breve explanação acerca dos componentes retóricos da *Vita Martini*, conferindo especial atenção para aqueles que se tornaram paradigmáticos pela frequência dos registros ao longo da Idade Média.

2 – A RETÓRICA E A VITA MARTINI

A retórica foi sistematizada por Aristóteles na obra *Arte retórica*, no século IV a. C.. O legado do filósofo fundamentou inúmeros tratados posteriores, a exemplo dos escritos de Cícero e Quintiliano no primeiro século da nossa era, e chegou à Idade Média pelas mãos dos teóricos da arte da pregação.

Sabe-se que Sulpício Severo pertencia à aristocracia gaulesa, fato que pressupõe uma educação apurada, o que, por sua vez, está em plena comunhão com a qualidade literária de seus escritos (ANTUNES, 2014, p. 6). Viveu no período conhecido como Antiguidade tardia, intermediário entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média. A partir de tais elementos, é lícito concluir que o autor de *Vita Martini* conhecia, em alguma

medida, os preceitos retóricos, seja através da obra do próprio Aristóteles, seja por meio de compêndios que a tomaram como referência.

Para compreendermos o caráter argumentativo da *Vita Martini*, reportar-nos-emos à *Arte retórica*, embrião, como mencionamos anteriormente, dos tratados posteriores sobre os mecanismos de persuasão.

De acordo com o sistema retórico de Aristóteles, existem três gêneros de discurso: deliberativos, que tem como auditório a assembleia, reporta-se ao tempo futuro e visa a aconselhar ou desaconselhar; judiciário, que tem como auditório os juízes, reporta-se ao tempo passado e visa a acusar ou defender; e epidíctico ou demonstrativo, que tem como auditório o espectador, reporta-se ao tempo presente e visa a louvar ou criticar (ARISTÓTELES, p. 39).

As hagiografias são, em sua essência, discursos sobre as virtudes (DOSSE, 2015, p. 139), e, como tal, enquadram-se no gênero epidíctico. Tais relatos têm como função demonstrar a santidade de determinado personagem através de modelos de comportamento inseridos em uma dada tradição. No caso da *Vita Martini*, os modelos que legitimam a santidade de Martinho são encontrados, sobretudo, na Sagrada Escritura, como veremos adiante. Por outro lado, como texto latino fundador do gênero hagiográfico, a obra em questão nos possibilita identificar os elementos de construção da futura tradição de santidade no limiar do processo de sedimentação.

Aristóteles nos aponta, conforme veremos no fragmento adiante, as três partes essenciais do discurso: *elocucio*, que contempla o estilo a ser empregado de acordo com a matéria a ser tratada; e *dispositio*, referente à forma de dispor o assunto, que, segundo o filósofo, divide-se em exposição e demonstração:

Três são as questões relativas ao discurso, que precisam de ser versadas a fundo: a primeira, donde se tirarão as provas; a segunda, o estilo que se deve empregar; a terceira, a maneira de dispor as diferentes partes do discurso (ARISTÓTELES, s.d., p. 173)

Seguiremos a opinião de Sylvie Labarre, expressa no artigo intitulado “La Composition de la *Vita Martini* de Sulpice Sevère”, p.116, em que a hagiografia se caracterizaria mais pelo intuito de edificação do leitor através da exposição de uma vida exemplar do que propriamente pela forma da narrativa. Em outras palavras, o estudo da *Vita Martini* revela mais os aspectos da *inventio* do que da *dispositio*.

A *inventio* por sua vez, comporta os tipos de argumentos, as provas e os lugares ou *topoi*.

São três os tipos de argumentos citados na arte retórica: *etos*, que se identifica com o caráter do orador com vistas a conferir credibilidade à narrativa; *patos*, que revela o conjunto de emoções provocadas pelo orador no auditório; e *logos*, que se refere ao “aspecto dialético” do discurso (REBOUL, 2004, p. 48 e 49).

3 – TIPOS DE ARGUMENTOS

3.1 – *Etos*

O caráter do orador é construído por Sulpício Severo logo na introdução da *Vita Martini*, na medida em que o autor recorre ao recurso retórico encontrável do tema da humildade, como convém ao universo cristão, a exemplo da mensagem propagada por Jesus. Ressalta-se, neste ponto, que São Paulo já tratava da questão da graça divina relacionada à eficácia da pregação, o que coloca a figura do orador em segundo plano, ou seja, como simples “veículo” de transmissão, exigindo, portanto, uma atitude de humildade diante da mensagem a ser propagada (MURPHY, 1974, p. 288). Para ilustrar a apologia à simplicidade no relato bíblico, citamos o fragmento seguinte, que faz referência ao fato de Jesus ter-se feito humano:

(...) Nada fazendo por competição e vã glória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo (...). Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um Deus, mas se despojou tomando a forma de escravo (BÍBLIA de Jerusalém. Filipenses, 2.3).

Inúmeros são os trechos que traduzem tal artifício, dentre os quais selecionamos o seguinte:

(...) eu tinha decretado esconder o manuscrito, o livrinho que havia escrito acerca da vida do santo Martinho, e aprisiona-lo entre as paredes do meu lar, pois, como sou inseguro por natureza, evitava os juízos humanos, para que, como julgo que virá acontecer, a linguagem menos cultivada não desagradasse aos leitores e eu fosse julgado absolutamente merecedor de todas as repreensões (ANTUNES, 2014, p.25).

Sulpício, a despeito da suposta despretensão e modéstia acaba por atribuir a possível eficácia de sua pregação à inspiração divina, que estabelece um paralelo entre sua condição de mensageiro da santidade de Martinho e o papel dos apóstolos na propagação da mensagem de Cristo.

Se tal acontecer, e julgares que está a ser lido por alguém, solicitará dos leitores a boa vênica de apreciarem mais os feitos do que as palavras, e que suportem com animo sereno se eventualmente a linguagem defeituosa lhes ferir os ouvidos, dado que o Reino de Deus reside não na eloquência, mas na fé. Recordem também que a salvação foi anunciada no século não por oradores (...) mas sim por pescadores (ANTUNES, 2014, p 25).

Dessa forma, trazer a lume a vida de Martinho significa, em última análise, operar à maneira dos evangelistas ao narrarem a vida de Jesus.

Essa ideia é sublinhada pela equivalência que Sulpício sugere entre a figura de Martinho e a imagem de Jesus. Encontramos tal recurso no episódio da doação da capa, mas especificamente no fragmento: “alguns riram, pois por causa da veste ele (Martinho) parecia um ser disforme e amputado”. O escarnio sofrido por Martinho tem antecedente bíblico, no episódio da clâmide, espécie de manto usado pelos romanos, descrito em Mateus: “(..) e, ajoelhando-se diante dele (Jesus) diziam-lhe, caçoando: salve, rei dos Judeus” (BÍBLIA de Jerusalém. Mateus 27,29).

Vale lembrar que a ideia da necessidade da presença da graça divina tanto no orador quanto no público para a eficácia do discurso é uma das mais originais concepções retóricas propagadas por São Paulo no primeiro século da era cristã (CAMPOS, 2019, p. 60).

Outro exemplo da identificação do santo com a imagem de Jesus está circunscrito na cena em que Martinho acolhe Sulpício em sua ceia, oferece-lhe água e em seguida, lava-lhe os pés, a exemplo do que havia feito Cristo no episódio do lava-pés descrito em João (Jo 13,14-15). Assim narra Sulpício tal passagem da *Vita Martini*:

(...) como sou miserável! Quase nem me atrevo a confessá-lo: visto que julgou digno que eu me acolhesse na sua ceia santa, ele próprio oferece água para lavar as nossas mãos, e além disso ao entardecer, ele próprio lavou os nossos pés! (ANTUNES, 2014, p.53).

3.2 – Patos

O segundo tipo de argumento citado por Aristóteles tira o foco do orador e lança a luz sobre o auditório. Trata-se das “disposições que se criam no ouvinte” (ARISTÓTELES, s.d., p. 33), ou seja, das emoções que o discurso suscita no auditório. Tais sentimentos, ou paixões, são descritos pelo filósofo no Livro II de *Arte Retórica*.

Sulpício Severo, através da narrativa da vida de Martinho, evoca no leitor determinados afetos que visam a promover a adesão aos valores cristãos, por meio da imitação do modelo de santidade proposto. Seguem-se alguns exemplos do emprego deste recurso na *Vita Martini*.

Uma das emoções descritas por Aristóteles é o amor. Assim se refere o filósofo ao sentimento: “Admitamos que amar é querer para outrem aquilo que reputamos serem bens, e isto não em nosso interesse, mas no interesse dele; é também, na medida de nossas forças, agir para proporcionar-lhe essas vantagens” (ARISTÓTELES, s.d., p. 106).

Sulpício, ao justificar a escrita da vida de Martinho, faz menção ao seu desejo de levar ao conhecimento dos leitores a “sabedoria verdadeira”. Esta seria a razão principal do seu empreendimento: através do relato da vida de Martinho, fornecer exemplos de conduta para edificação da alma do público leitor, o que Sulpício considera o bem supremo. Sua tarefa não visa, assim, ao próprio reconhecimento, uma vez que, como vimos anteriormente, o biógrafo recusa qualquer mérito pelo possível sucesso de sua obra.

Segue o fragmento em que o escritor declara o seu intento: “Por essas razões, julgo que irei executar obra de valor, se vier a escrever a vida de um homem santíssimo, que será em breve um exemplo para os demais, com o que, desta maneira, os leitores serão incitados à verdadeira sapiência, à celeste milícia, à divina coragem” (ANTUNES, 2014, p. 26).

Dessa forma, observamos, no segmento supracitado, que o hagiógrafo pretende provocar no leitor a impressão de este ser o objeto de amor ao qual será revelada a verdadeira sabedoria.

Outra emoção elencada por Aristóteles no Livro II de *Arte retórica* é a confiança. O filósofo versa sobre tal sentimento nos seguintes termos: “(...) a esperança se segue à representação de que as coisas que nos podem salvar estão próximas e de que não existem ou estão longe as que temos que temer” (ARISTÓTELES, s. d., p. 111).

Ora, esta é a sensação que Sulpício visa a provocar no leitor ao relatar os episódios em que Martinho realiza milagres, curas e exorciza demônios. O santo torna-se, então, o veículo de salvação, e seu culto evoca a proteção do fiel.

Destacamos o seguinte fragmento para exemplificar o poder espiritual de Martinho:

Logo que, diligentemente, parou junto desta e inquiriu que espécie de choro era aquele, foi-lhe indicado que um jovem escravo da família havia arrancado a vida a si mesmo por meio de um laço. Tomando conhecimento disto, entrou na pequena divisão em que o corpo jazia e, expulsando toda a multidão, orou algum tempo estendido sobre o corpo. Pouco tempo depois, recuperando a cara vida, o defunto com os olhos entorpecidos contra o rosto de Martinho erguido (ANTUNES, 2014, p. 35, VIII).

Por fim, Aristóteles inclui, dentre as diversas paixões que o orador pode provocar no auditório, a beneficência, que é desta forma descrita pelo filósofo:

Admitamos que a beneficência é o sentimento pelo qual um homem, que para isto tem meios, presta serviço aos que se encontram a braços com a necessidade, não com a esperança de algum proveito em retorno ou de alguma vantagem pessoal, mas unicamente para o bem do beneficiado (ARISTÓTELES, s.d., p. 117).

Para ilustrar tal circunstância, lembramos do episódio, já referido anteriormente, da capa de Martinho, em que o santo doa metade da veste protetora a um indigente desprotegido do frio intenso. Cumpre ressaltar que Aristóteles associa a beneficência ao indivíduo “que para isso tem meios”, o que torna o gesto de Martinho ainda mais virtuoso do ponto de vista cristão, uma vez que o santo não possuía nada “para além das armas e da simples veste militar” (ANTUNES, 2014, p. 28), desfazendo-se, portanto, do que lhe era essencial.

Sulpício Severo provoca, dessa forma, a beneficência no seu leitor na medida em que o incita a tomar como exemplo as qualidades morais de Martinho.

3.3 – Logos

O terceiro tipo de argumento enunciado por Aristóteles, logos, diz respeito ao aspecto dialético do discurso, ou seja, à argumentação propriamente dita.

O filósofo estabelece em seu tratado dois tipos de argumentos, a saber, o entinema fundamentado em premissas prováveis, de caráter dedutivo, e o exemplo, baseado em fatos passados com vistas a inferir o futuro, de caráter indutivo:

Se, firmando-nos em fatos numerosos e semelhantes, demonstrarmos que outro tanto sucede no caso presente, há indução na dialética e exemplo na retórica. Se, partindo de certas premissas, o resultado for uma consequência nova e diferente, mercê do alcance universal ou geral das premissas, temos o que, no caso, se chama silogismo, e, no outro, entinema (ARISTÓTELES, s.d., p. 34).

As hagiografias constituem textos que têm por finalidade edificar o leitor através do exemplo de conduta do santo. Dessa forma, o autor induz o público a imitar as atitudes virtuosas do personagem retratado, narrando os fatos notórios para servir-lhe de modelo. O benefício alcançado será nada menos do que a glória eterna.

Logo no início da *Vita Martini*, Sulpício declara sua verdadeira aspiração ao produzir a obra:

Assim, nisto também encontramos um motivo do nosso proveito, para que não esperemos a vã memória vinda dos homens, mas um prêmio eterno vindo de Deus. Porque, ainda que nós próprios não tenhamos vivido de modo a podermos ser um exemplo para os outros, esforçamo-nos para que aquele que deve ser imitado não permaneça desconhecido (ANTUNES, 2014, p. 27)

4 – PROVAS TÉCNICAS E EXTRA-TÉCNICAS

Além dos gêneros dos discursos e dos argumentos, Aristóteles inclui as provas no conjunto de elementos que fazem parte da *inventio*.

Segundo o filósofo, as provas podem ser divididas em extra-técnicas e técnicas. No primeiro grupo, encontram-se as provas “peculiares ao gênero judiciário” (p. 86, Aristóteles), a saber: leis, testemunhas, contratos, confissões, juramentos.

Sulpício Severo utiliza como prova técnica, independente da habilidade retórica, o recurso à testemunha, uma vez que muitos episódios da vida de Martinho foram presenciados pelo autor, que figura também como personagem da obra em foco, e outros, ainda, foram-lhe enunciados pelo santo pessoalmente.

Citamos, a título de exemplo, o trecho em que Martinho desmascarou o diabo que dissimulava sua identidade, fazendo-se passar por Cristo. Diante das palavras proferidas pelo santo, o inimigo desapareceu:

Perante estas palavras aquele desvaneceu-se como fumo, e encheu a tela com tanto mau cheiro, que deixou provas evidentes de ser o Diabo. Este acontecimento que acima relatei, soube-o da boca do próprio Martinho, porventura não vá alguém julgá-lo imaginado (ANTUNES, 2014, p. 53).

Naturalmente, tal recurso é utilizado para conferir maior credibilidade aos fatos narrados, uma vez que o caráter sobrenatural dos eventos biográficos de um santo pode ser facilmente questionado pelos incrédulos.

As provas técnicas são geradas pelo orador, e dependem da habilidade retórica. Assim, o enunciador, de acordo com sua mestria, poderá transformar determinada circunstância possivelmente desfavorável em vantajosa. Dessa forma procede Sulpício Severo ao narrar o episódio em que Martinho é designado exorcista por Hilário de Poitiers. O hagiógrafo, convencido da autoridade espiritual de Martinho, e supondo que o cargo não estaria à altura do personagem, modelo de virtude e santidade, atribui a nomeação a uma estratégia do bispo para persuadir o santo a aceitar alguma ordenação. A extrema humildade impediria a Martinho de aceitar o ofício do diaconato.

Transcrevemos, em seguida, a passagem da *Vita Martini* em que Martinho recebe a nomeação:

Mas, visto que apresentava resistência tantas vezes, dizendo em alta voz que era indigno, o homem, de profundo entendimento, compreendeu que ele só por um modo poderia ser constrangido: se lhe impusesse aquelas das ordenações em que julgasse haver alguma porção de injúria. Assim ordenou que fosse exorcista. Ele não repudiou esta ordenação, para que se não julgasse que a desprezava por ser demasiado humilde (ANTUNES, 2014, p. 31).

Dessa forma, o episódio que poderia revelar um desacordo entre a notabilidade do personagem e a função modesta que lhe foi atribuída, converte-se em ocasião para lhe louvar uma preciosa virtude especialmente cara ao cristianismo: a humildade.

5 – LUGARES (*TOPOI*)

Por fim, após discorrermos sobre os gêneros do discurso, os tipos de argumentos e as provas, faremos uma breve explanação acerca dos lugares ou *topoi*. Assim, concluiremos a abordagem sobre a construção da *inventio* na *Vita Martini*, ou seja, sobre os argumentos que Sulpício Severo selecionou para a eficácia da sua narrativa, de acordo com o objetivo da obra.

Os lugares podem ser definidos como princípios gerais sobre os quais se constroem os argumentos. No caso da *Vita Martini*, trata-se de um gênero no limiar de seu desenvolvimento. Por essa razão, identificaremos na obra em foco os elementos da

hagiografia que se tornariam lugares comuns posteriormente, no decorrer da Idade Média.

Cristina Sobral, no texto “O modelo discursivo hagiográfico” (2005, p. 101), nos aponta quatro eixos principais que estruturam a narrativa hagiográfica, que se aplicam à análise da obra em foco, tendo em vista as características estruturais do relato de Sulpício: infância do santo, maturidade, morte e culto.

Trataremos, em seguida, de cada um desses componentes para, através deles, apontarmos os itens que no futuro seriam consagrados como lugares comuns pelo uso.

Um dos lugares utilizados com frequência nas hagiografias é a precocidade do santo, com vistas a sugerir uma predestinação à santidade. Cristina Sobral, no texto supracitado, refere-se desta forma a tal característica:

A precocidade pode formalizar-se numa referência genérica à virtude e sabedoria do menino em comparação com os outros da sua idade ou na narrativa de elementos concretos que demonstram a precocidade, como a recusa em mamar nos dias de jejum ou o extremo fervor na oração em vez do agrado pelas brincadeiras (SOBRAL, 2005, p. 101).

Sulpício Severo reserva apenas parte do Capítulo II à infância. Para ilustrar a beatitude extemporânea de Martinho, o autor sugere, através do fragmento a seguir, que o sagrado sempre acompanhou o personagem:

(...) Praticamente desde os primeiros anos a sagrada meninice da ilustre criança aspirava mais ao divino serviço. Assim, quando tinha dez anos, asilou-se contra a vontade dos pais, numa igreja, e pediu para se tornar catecúmeno (ANTUNES, 2014, p. 27).

Logo em seguida, Sulpício retrata a infância de Martinho como uma preparação para a santidade, como o cumprimento de uma etapa que reafirma o destino já traçado:

“(...) Com o espírito sempre atento quer quanto aos mosteiros, quer quanto à igreja, já naquela idade pueril exercitava aquilo que, enquanto devoto, cumpriu” (ANTUNES, 2014, p. 28).

O eixo da maturidade, segundo Cristina Sobral (2005, p. 101), encerra, sobretudo, dois modelos, a saber, a narrativa com fio condutor temático ou cronológico.

De forma geral, podemos identificar três partes na *Vita Martini*, excetuando-se a carta dedicatória e o prólogo: a primeira parte, que compreende os capítulos 2 ao 9 e é essencialmente cronológica; a segunda parte, do capítulo 10 ao 24, organizada de forma temática; e a terceira parte, do capítulo 25 ao 27, também temática, que traça um retrato moral de Martinho (LABARRE, 2004, p. 103). Abordaremos, primeiramente, a parte onde predomina a perspectiva cronológica da obra.

Segundo Cristina Sobral (2005, p. 101), a narrativa cronológica pretende, através da exposição do desencadeamento de acontecimentos ou situações, sugerir a predestinação do personagem à santidade: “No modo cronológico, a vida do santo é

narrada na sua ordem temporal, de forma a demonstrar a realização coerente e ascendente de um percurso de vida que tende à perfeição”.

Lembramos que a infância de Martinho foi descrita sobre tal perspectiva, conforme visto anteriormente.

Para melhor compreender o aspecto cronológico desta primeira parte, adotamos, conforme nos indica Sylvie Labarre no artigo “La Composition de la Vita Martini”, o que afirma J. Fontaine. Segundo este, Martinho teria nascido entre 316 e 317 e servido ao exército entre 331/332 e 356, ou seja, durante 24 anos. Entretanto, segundo Sulpício, Martinho teria se alistado aos 15 anos, batizando-se três anos depois e, passados dois anos, teria obtido a dispensa do exército.

Tal supressão do tempo em que Martinho foi soldado do imperador tem, naturalmente, finalidade retórica. Justifica-se, em primeiro lugar, em virtude da oposição do clero à entrada de militares na Igreja, recusa esta expressa em textos canônicos (LABARRE, 2005, p. 110). É significativo de tal circunstância o seguinte trecho da obra:

“(…) antes do batismo estive aproximadamente três anos no exército, indemne todavia daqueles vícios nos quais aquela classe de homem costuma estar envolvida” (ANTUNES, 2014, p. 28).

Por fim, tal recurso demonstra que o interesse do hagiógrafo está centrado na vida de Martinho a partir do batismo, sendo os acontecimentos anteriores apenas prefiguração a vida religiosa exemplar. O trecho subsequente ilustra essa ideia:

Não estando ainda regenerado em Cristo, havia pelas suas boas obras, como um candidato ao batismo: seguramente assistindo aos trabalhadores, carregando a obra do infeliz, alimentando os pobres, vestindo os nus, reservando nada para si do estipêndio militar, à exceção da subsistência cotidiana (ANTUNES, 2014, p. 28).

Segue-se o episódio mais propagado da *Vita Martini* em que o santo doa a metade da sua capa a um indigente, como relatamos anteriormente.

Por fim, após retratar a infância e o serviço militar, Sulpício descreve o encontro de Martinho com Hilário de Poitiers, a missão anti-ariana e o monacato e bispado. Trata-se de uma progressão de fatos que se inicia com a aptidão religiosa do santo desde a infância, a contrariedade do pai de Martinho a essa vocação, e culmina com o exercício do episcopado, em concomitância com a vida monástica e acética.

Assim, concluímos que a parte cronológica da *Vita Martini* está em plena comunhão com as características apontadas por Cristina Sobral no que se refere à submissão da ordem temporal ao conceito de trajetória ascendente em direção à perfeição percorrida pelo santo.

Do capítulo 10 a 24, como referimos anteriormente, Sulpício adota uma abordagem temática da vida de seu biografado. Segundo tal perspectiva, os eventos descritos têm como finalidade revelar as virtudes do santo, e são apresentados em justaposição, não havendo contiguidade cronológica entre eles. Tais características criam uma descontinuidade no discurso no que se refere à sequência dos

acontecimentos, e não privilegiam as relações de causa-efeito. Sylvie Labarre (2005, p. 111) nos fala de “composição em medalhões”, traçando uma analogia entre a escrita temática de Sulpício e os vitrais góticos em que se representam cenas da vida de Cristo.

De forma geral, podemos tomar como característica desta segunda parte da *Vita Martini* os relatos de diferentes aspectos de batalhas espirituais, sejam contra o paganismo, contra doenças ou contra as estratégias empregadas pelo diabo para iludir as almas.

Para uma exposição mais clara das virtudes de Martinho elencadas por Sulpício Severo nos capítulos em que os eventos são narrados sob a perspectiva temática, utilizaremos como guia a concepção de Vincent Zarini expressa no artigo intitulado “Le Probleme de L’Éloge dans la ‘Vita Martini’ de Sulpice Severe”. Segundo o autor, Sulpício efetua uma abordagem cristã das virtudes cardinais de tradições socráticas descritas por Platão em *A República*. Tal afirmação é fundamentada no fato de o autor da *Vita Martini* ser aristocrata letrado formado em escolas de retórica e, como tal, conhecedor da retórica epidítica do período em que viveu, expressa sobretudo nos elogios imperiais (ZARINI, 2005, p. 130). Os elogios antigos, por sua vez, são fundados nas virtudes cardeais, e tinham, tal qual a *Vita Martini*, uma função apologética.

As virtudes cardeais descritas no Livro IV em *A República*, de Platão, são temperança, ou a faculdade de dominar determinados prazeres e desejos; coragem, ou habilidade de enfrentar o medo e o perigo iminente; prudência, ou a capacidade de decidir e julgar de forma sensata, diferenciando o certo e o errado; e, por fim, justiça, que une as três outras virtudes, entendida como a aptidão de fazer aquilo que lhe é devido, com vistas ao bem estar geral.

Prosseguiremos com a análise da segunda parte da *Vita Martini*, construída, conforme visto anteriormente, através de uma perspectiva temática.

Do capítulo 10 ao 15, a obra versa sobre a fundação do Mosteiro de Marmoutier e a luta contra o paganismo rural. Na descrição dos hábitos praticados no recém fundado Mosteiro de Marmoutier, tomando-se como exemplo o comportamento do próprio Martinho, Sulpício sublinha claramente a virtude da temperança como modelo de conduta adotado, e cita, dentre as práticas seguidas, a recusa à propriedade, o estímulo à solidão como prática de ascese e o jejum, conforme demonstra o trecho seguinte:

Havia aproximadamente 80 discípulos, que eram instruídos pelo exemplo do bem-aventurado mestre. Ali, ninguém tinha o que quer que fosse de seu, tudo era posto em comum. Não era permitido comprar ou vender o que quer que fosse, como é costume à maioria dos monges (...). Era raro sair alguém da sua cela, a não ser quando se reuniam no local de oração. Todos aceitavam em conjunto, após a hora do jejum, a refeição. Ninguém conhecia o vinho, a não ser quem a enfermidade a tal forçasse (ANTUNES, 2014, p. 37).

Na sequência do episódio supracitado, Sulpício nos relata o discernimento de Martinho ao identificar e desmascarar falsos mártires cultuados equivocadamente pela população. Nesse caso, trata-se da demonstração da prudência, ou sabedoria, virtude pouco explorada nas narrativas hagiográficas. Cumpre notar que Martinho manifesta coerência lógica ao indagar aos crédulos sobre o nome do mártir e a data da pretensa paixão, e, a partir das respostas obtidas, deduzir que se tratava de uma veneração pouco

fundamentada, para, então, comprovar o equívoco. A sabedoria de Martinho se reveste de maior valor em função de a fraude não ter sido identificada pelos bispos anteriores, que, inclusive, haviam erguido um altar em homenagem a falsos santos. Vejamos a narração do evento por Sulpício:

(...) Havia, não longe da cidade, perto do Mosteiro, um local que a crença errada da população tinha santificado, supondo que ali tivessem sido sepultado mártires: até se julgava que um altar tinha sido ali criado por bispos anteriores. Mas Martinho, não outorgando crédito ao acaso, instigava-os que lhe dissessem o nome do mártir (...) que fosse revelada a data da paixão (...). Daí, hirtu, sobre o próprio sepulcro, orou ao senhor, a fim de que revelasse quem era o sepultado ou quais eram suas façanhas. (...) Tinha sido um salteador, trespassado por causa do delito, celebrado pelo erro do povo (ANTUNES, 2014, p. 38).

A virtude da coragem, posteriormente transformada em um cliché hagiográfico, é literalmente retrata no episódio em que Martinho, ao pretender cortar um pinheiro próximo a um santuário pagão, foi desafiado pelos camponeses a permanecer embaixo da árvore para provar a confiança que depositava no deus cristão. Naturalmente, o santo se dispôs ao sacrifício, e o pinheiro acabou por tombar, contra todas as probabilidades, na direção oposta a que se encontrava Martinho. O fato é desta forma narrado por Sulpício:

Ele advertiu-os, com zelo, que nada havia de sagrado no tronco: deviam antes seguir Deus, a quem ele próprio servia; era necessário que aquela árvore fosse abatida, pois tinha sido dedicada a um demônio. Então, um deles, (...) diz: “se tens assim tanta confiança no teu Deus, que dizes venerar, nós próprios abateremos esta árvore, tu enfrentas a queda: e se o teu Deus, como dizes, está contigo, vais te salvar”. Então ele, confiando corajosamente no Senhor, oferece-se para o fazer (ANTUNES, 2014, p. 39).

Os capítulos 16 a 19 são dedicados às curas de doenças e de possessões. Trata-se de verdadeiras batalhas contra o mal, mas, diferente do que ocorre com os heróis da Antiguidade, os combates de Martinho acontecem na arena espiritual. Neste ponto, é possível identificar a cristianização das virtudes cardeais, sobretudo a coragem, característica necessariamente presente nos combatentes.

Selecionamos o fragmento que se segue para exemplificar a coragem de Martinho no confronto com um homem possuído pelo demônio:

Logo lhe ordenou que se retirasse, o demônio apossou-se violentamente do cozinheiro da família (...). O miserável começou a morder selvaticamente e a dilacerar quem quer que lhe viesse ao encontro. (...) Lançou-se Martinho ao desvairado, e, em primeiro lugar, ordena-lhe que pare. Mas, visto que rangia

com os dentes e estava prestes a morder com a boca escancarada, espeta-lhe Martinho os dedos pela goela a dentro e diz: “se tens algum poder, devora estes.” (ANTUNES, 2014, p. 44).

A coragem também é o elemento central dos episódios narrados entre os capítulos 20 e 24, em que Martinho trava batalhas diretamente com o demônio e com os poderosos seculares, que frequentemente o colocavam à prova, conforme relatado no fragmento seguinte. “Por isso, uma vez que o diabo sabia que não poderia escapar-se, atormentava-o frequentemente com invectivas, pois não podia iludir por armadilhas” (ANTUNES, 2014, p. 48).

A justiça na *Vita Martini* é observada sob a forma de filantropia em inúmeras passagens. Cumpre notar que tal virtude é igualmente cara aos panegiristas e teóricos gregos (ZARINI, 2005, p. 37). Selecionamos o seguinte trecho, em que Martinho demonstra seu profundo amor à humanidade, bem como a generosidade para com o próximo.

Testemunhavam também alguns dos irmãos terem ouvido o demônio inquirir, com acusações impetuosas, por que é que, após uma purificação, aceitava no Mosteiro alguns irmãos que em tempos tinham corrompido a graça do batismo com muitos pecados, e numerava os crimes de cada um. Martinho, resistindo ao diabo, tinha respondido firmemente que os antigos crimes eram limpos pela conversão de uma vida melhor e que, pela misericórdia do Senhor, deviam ser absolvidos pelos pecados aqueles que desistissem de pecar (ANTUNES, 2014, p. 49).

Notamos, no exemplo citado, que Sulpício evoca uma justiça cristã, em que os pecadores são absolvidos de seus erros por meio do arrependimento e da conversão.

Por fim, os capítulos finais, 25, 26 e 27, designados como a terceira parte da biografia de Martinho, o autor descreve o perfil moral do retratado, e confere especial relevo à humildade. São evocadas também a sabedoria, a bondade e a perseverança.

A obra termina com uma declaração de fidelidade aos fatos pelo autor, e com um argumento persuasivo em forma de promessa aos fiéis: todos os que acreditarem no relato receberão um privilégio divino.

Quanto a mim, estou consciente que, impelido a escrever pela fidelidade às coisas e pelo amor de Cristo, expus os acontecimentos ocorridos e de ter dito a verdade: e terá, como espero, uma regalia preparada por Deus, não todo aquele que ler, mas todo aquele que acreditar (ANTUNES, 2014, p. 56).

Lembremos, neste ponto, que Cristina Sobral, em seu texto “O modelo discursivo hagiográfico”, nos indicou quatro eixos principais que fundamentam os relatos hagiográficos, dos quais abordamos a infância e a maturidade. Antes de passarmos aos dois eixos seguintes, a saber, a morte e o culto, cabe abrirmos um breve parêntese para esclarecer que a *Vita Martini* foi concluída quando Martinho ainda vivia, fato incomum nas hagiografias. No texto supracitado, Cristina Sobral nos aponta a maturidade e a

morte como eixos nucleares (2005, p. 101). Cumpre ressaltar que a importância da morte do santo revela-se no fato de ser a data do falecimento, e não a do nascimento, a ocasião de se celebrar e homenagear determinado personagem sagrado, que, desta forma, renasce para a vida eterna.

Sulpício Severo, além da obra em foco, escreveu dois livros de crônicas de caráter religioso e três livros de Diálogos, dentre os quais dois são dedicados a milagres de São Martinho que não constam na biografia. Severo redigiu, ainda, três cartas consideradas um apêndice da *Vita Martini*: A primeira, antes do falecimento do santo; a segunda, anunciando a proximidade do desenlace; e a terceira descrevendo-o. Interessa-nos especialmente a segunda e a terceira carta, cuja abordagem justifica-se pelo caráter complementar à obra da qual tratamos. O culto ao santo não está descrito na *Vita Martini* nem nos relatos que lhe serviriam de apêndice posteriormente. Por isso, não será abordado neste trabalho.

Segundo Cristina Sobral, lugares comuns circunscritos no eixo da morte nas hagiografias seriam alguns indícios maravilhosos simultâneos, o anúncio prévio recebido pelo santo, luta final com demônios que o perseguem e plena aceitação do desenlace (SOBRAL, 2005, p. 101).

A segunda carta de Sulpício Severo tem início com a narrativa de um sonho premonitório em que Martinho aparecia reluzente, oferecendo ao hagiógrafo a própria *Vita Martini*. Em seguida, Martinho é elevado às alturas. Ao despertar, Sulpício recebe a notícia do falecimento do santo. Trata-se, portanto, de um sinal do já conhecido desfecho. Destacamos, em seguida, um fragmento desse relato:

Quando de súbito parece-me que vejo o santo Bispo Martinho, ornado com uma toga de uma brancura radiante, uma aparência resplandente como fogo, os olhos a brilhar como estrelas, os cabelos a luzir (...). E sorrindo levemente, oferecia-me da mão direita o pequeno livrinho que eu tinha escrito acerca da sua vida (ANTUNES, 2014, p. 60).

Nota-se que o fato de, no sonho descrito, Martinho oferecer a *Vita Martini* a Sulpício, legitima a obra, ou seja, a biografia tem, então, o aval do biografado. Observemos que o santo, ao entregar o livro, sorri levemente, em sinal de aprovação e satisfação.

Em conformidade com o que se tornaria comum nas hagiografias posteriores, Martinho também previu seu desenlace e preparou seus companheiros: “Martinho previu com grande antecedência o seu óbito e disse aos seus irmãos que estava iminente a separação de seu corpo” (ANTUNES, 2014, p. 65).

Em seguida, Martinho se desloca para a paróquia de Candis, a fim de resolver determinada questão. No caminho, é surpreendido por mergulhões que apresentavam comportamento estranhamente agressivo ao atacar os peixes. O santo identifica imediatamente as aves com demônios: como elas, o diabo também se utiliza de artimanhas para capturar aqueles que não estão sob constante vigia. Martinho ordena, então, que os mergulhões migrem para regiões desertas. Esse seria seu penúltimo embate com os demônios que o perseguiram. Vejamos como a cena é descrita por Sulpício Severo:

(...) Apercebe-se de que uns mergulhões estão a perseguir um grupo de peixes no rio e que uma voracidade impetuosa os atormentava para constantes ataques. Ele diz: “esta é uma representação dos demônios: armam ciladas aos desprevenidos, apoderam-se dos ignorantes, devoram os capturados e não são capazes de se saciar com o que devoram” (ANTUNES, 2014, p. 65).

No momento da morte, Martinho profere suas últimas palavras, endereçadas ao diabo que o espreitava: “Por que é que estás aqui presente, besta cruel? Não vais encontrar nada em mim, maldito: o peito de Abraão recebe-me” (ANTUNES, 2014, p. 67).

Por fim, o santo demonstra aceitar plenamente seu desenlace, atitude que se tornaria comum nas hagiografias posteriores: “(...) deixai-me, irmãos, deixai-me volver os olhos para o céu em vez de para a terra, para que seja dirigido para o Senhor o espírito que já vai partir para sua viagem” (ANTUNES, 2014, p. 67).

CONCLUSÃO

Enfim, procuramos identificar os elementos retóricos dos quais se utilizou Sulpício Severo para construir a biografia de São Martinho de modo a convencer o público leitor da santidade do personagem, da veracidade dos fatos narrados e, por fim, da necessidade de seguir o exemplo do santo para alcançar a glória eterna.

Tais fundamentos retóricos foram extraídos da obra *Retórica*, de Aristóteles, e se referem, sobretudo, aos gêneros do discurso, aos tipos de argumentos (*etos*, *patos*, *logos*), às provas técnicas e extra-técnicas e aos lugares (*topoi*).

Demonstramos, ainda, em linhas gerais, a importância da *Vita Martini* como primeira hagiografia em língua latina, e, portanto, como uma das matrizes do gênero hagiográfico que se desenvolveria no decorrer da Idade Média.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ANTUNES, André. **A vida de São Martinho: estudo introdutório, tradução e comentário**. Dissertação de mestrado em Estudos Clássicos. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s.d.].
- BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BUREAU, Bruno. La figure de saint Martin et son arrière-plan bilique. In: **Vita Latina**, no.172, 2005, p.106-129. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/vita_0042-7306_2005_num_172_1_1188 . Acesso em: 20 fev. 2020.

- CAMPOS, Glícia Silva. **Os pecados capitais e a simbologia animal na prédica de Santo Antônio**. Tese de doutorado em Literatura Comparada. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.
- CAMPOS, Glícia Silva. **Palavra de Santo Antônio – prédica, simbologia animal e pecados capitais**. Rio de Janeiro: Paulus, 2019.
- CHÂTELET, François. **La philosophie médiévale**. Paris: Librairie Hachette, 1999.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- CÍCERO, Marcos Túlio. **De inventione. De l'invention**. Trad. Henri Bornecque. Paris: Garnier, [s.d.].
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- FLOS SANCTORUM. Ed. de José Antonio da Conceição Vieira. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869.
- FONTAINE, Jacques. La place particulière de la *Vita Martini* dans la littérature latine chrétienne. In: **Vita Latina**, no. 172, 2005, p 53-59. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/vita_0042-7306_2005_num_172_1_1183. Acesso em: 20 fev. 2020.
- GUENÉE, Bernard. Corte. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, volume 1.
- LABARRE, Sylvie. La composition de la *Vita Martini*. In: **Vita Latina**, no. 171, 2004, p. 102-120. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/vita_0042-7306_2004_num_171_1_1173. Acesso em: 20 fev. 2020.
- LABARRE, Sylvie. La postérité littéraire de Sulpice Severe dans l'Antiquité tardive et au Moyen Âge. In: **Vita Latina**, no. 172, 2005, p. 83-94. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/vita_0042-7306_2005_num_172_1_1180. Acesso em: 20 fev. 2020.
- LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2002. v. 1 e 2.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). **Atualizações da Idade Média**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. A retórica antiga e a prédica medieval. Um exemplo jacobeu. In: BASTOS, Mário Jorge da Motta et alii (Org.). **Atas do I Encontro Regional da Associação Brasileira de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2007, p. 248-255.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Da retórica medieval. In: **Idade Média: abordagens interdisciplinares**. Rio de Janeiro: PEM, 2009, p. 138.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Gil Vicente e o drama litúrgico natalino. In: **Signum**. Revista da ABREM, vol. 18, série 2, 2018, p. 132-158.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.
- MURPHY, J. James. **La retórica en la Edad Media**. México: Fondo de la Cultura Económica, 1986.
- PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- PLATÃO. **Diálogos**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- PLATÃO. **Fedro**. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Rideel, 2005.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- RETÓRICA a Herênio.** Trad. e introd. de Ana Paulo Celestino e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- ROLIM, Gustavo Koszeniewski. **Entre bispos e santos: a escrita hagiográfica e a santidade na Gália dos séculos IV e VI.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.
- VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea: vida de santos.** São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- VAUCHEZ, André. O santo. In: LE GOFF, J. **O homem medieval.** Lisboa: Presença, 1989, p. 211-230.
- SOBRAL, Crsitina. O modelo discursivo hagiográfico. LARANJINHA, A. S.; MIRANDA, J. C. **Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 97-107. Disponível em:
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11524.pdf>.
Acesso em: 20 fev. 2020.
- ZARINI, Vincent. Le problème de l'éloge dans la *Vita Martini* de Sulpice Severe. In: **Vita Latina**, no. 172, 2005, p. 130-144. Disponível em:
http://www.persee.fr/doc/vita_0042-73_2005_num_172_1_1189. Acesso em: 20 fev. 2020.

¹ Pesquisadora de Pós-Doutorado na área de Letras, sob a orientação da Prof. Dra. Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ).